

Telejornalismo: Processos de Produção em Ritmo de Convergência e Digitalização Uma análise do ESTV 2ª Edição¹

Diony CLEBISON DA SILVA²
Faculdade Estácio de Sá de Vitória, ES

RESUMO

A proposta deste trabalho é compreender como eventuais alterações na rotina produtiva influem na construção da narrativa do telejornal regional e na relação deste com os telespectadores em um cenário de convergência das mídias e a digitalização da TV, tomando como objeto empírico o programa ESTV2ª Edição, veiculado na TV Gazeta-ES. Este trabalho considera relevante a interação entre a internet e os meios de comunicação tradicionais, especificamente a televisão, e tenta realizar uma cartografia de possíveis mudanças que ocorrem nas rotinas produtivas dos telejornais, sobretudo de âmbito regional, em virtude da potencial maior participação popular. A rotina produtiva do telejornal também será analisada sob a ótica da TV Digital, que além de oferecer qualidade na transmissão de imagens, pode agregar à experiência de assistir televisão inúmeras possibilidades de interatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Interatividade, TV Digital, telejornalismo, digitalização, interação

TV Digital e Transformação

A implantação da TV digital no país e as transformações provocadas pela convergência das mídias são processos que devem ser analisados por provocarem diversas mudanças, não apenas tecnológicas, como a alteração do sinal analógico para o digital. Neste estudo foi privilegiada, principalmente, sua influência na rotina produtiva e no papel dos jornalistas. Além disso, essas transformações permitiram que a participação popular fosse potencializada, por meio da rede mundial de computadores.

Nesse cenário, diversos programas de televisão e telejornais poderiam ser analisados. Por considerar-se importante no estudo a observação em campo, a realidade

¹ Trabalho apresentado na DT 4 – Jornalismo do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), professor titular da Faculdade Estácio de Sá, Vitória, e-mail: dionycmg@gmail.com

analisada será a da digitalização e convergência nos processos de produção do ESTV 2ª Edição (ESTV2), transmitido de segunda-feira a sábado, às 19h15, pela TV Gazeta, afiliada da Rede Globo no Espírito Santo.

Além da questão geográfica, territorial, o objeto tomado aqui é o que mais se enquadra dentro do propósito dessa pesquisa: tentar realizar uma cartografia das possíveis mudanças na rotina produtiva dos telejornais, sobretudo o regional, em virtude da implantação da TV Digital e maior participação dos telespectadores por meio da rede mundial de computadores e do cenário de convergência das mídias. Nesse sentido vale ressaltar que o telejornal ESTV2ª Edição é produzido e veiculado no âmbito da Rede Gazeta de Comunicação, organização que integra 20 negócios na área de Comunicação, de acordo com dados institucionais divulgados na web:

Maior grupo de comunicação do Espírito Santo, a empresa foi fundada em 1928, com o jornal A Gazeta, que completou 86 anos em setembro de 2014. Desde 1949, a família Lindenberg assumiu o controle acionário do jornal. (...) São dois jornais impressos diários; um portal de anúncios online (Classificadões); um portal de notícias (Gazetaonline); um acervo de fotos jornalísticas (Agência AG); nove rádios; quatro emissoras de TV aberta afiliadas à Rede Globo; um portal de notícias locais afiliado à Rede Globo; e uma empresa de marketing promocional (REDE GAZETA, 2015).

A equipe de jornalismo da Rede Gazeta iniciou em 2008 um novo modelo de redação, integrando em uma estrutura toda a produção de conteúdo para diversas plataformas, na tentativa de eliminar de vez as barreiras entre as editorias e meios de comunicação. Em janeiro de 2014, o grupo de comunicação do Espírito Santo criou a Redação Multimídia, integrada pelos jornais A Gazeta e Notícia Agora, pelo portal Gazeta Online e Rádio CBN Vitória.

Nesse projeto, a TV Gazeta, que transmite o ESTV 2ª Edição, ainda não está fisicamente incorporada à Redação Multimídia. No entanto, isso não significa que as redações estejam dissociadas, visto que os editores-chefes da redação multimídia e da TV Gazeta, trabalham alinhados, respondendo diretamente ao diretor de Jornalismo da Rede, Abdo Chequer.

O ESTV2 atende ainda a proposta deste trabalho por apresentar um formato já consolidado, embora ainda possa haver mudanças, por exemplo, na linguagem, na condução da apresentação e na utilização de recursos gráficos. Ademais, o telejornal atende ainda aos interesses deste estudo por utilizar normalmente em suas edições, imagens provenientes dos telespectadores e de outros veículos que integram a Rede.

Segundo dados do Ibope divulgados pela Rede Gazeta, o ESTV 2ª Edição é o líder de audiência no horário, além disso, desde fevereiro de 2009, o telejornal é exibido em sinal digital para toda Grande Vitória. A TV Gazeta foi a primeira emissora a transmitir a TV aberta em tecnologia de sinal digital – a TV Digital – para a região.

Procedimentos metodológicos: observação participante e análise do produto midiático por um pesquisador-repórter

A pesquisa apresentada nesse trabalho foi desenvolvida usando como referências para perceber as narrativas tecidas no processo de produção do ESTV 2a. Edição os seguintes personagens: o editor-chefe, André Junqueira, que comanda as redações da TV Gazeta e dos portais de internet G1 e GE; o chefe de edição, Bruno Dalvi; a chefe de reportagem, Juliana Avanza; a chefe de pauta, Sayonara Bandão; as produtoras, Ana Elisa Bassi, Fabiana Oliveira, Kariny Dal'col Folador; a editora responsável pelo ESTV2, Teresa Abaurre; e a editora assistente, Cristina Dockhorn. A escolha desses profissionais se deu, pois no período em que o trabalho foi desenvolvido, todos eles participavam diretamente do processo de produção, planejamento e fechamento do telejornal. Além disso, os editores participam de maneira mais efetiva das reuniões com os outros veículos da Rede Gazeta para troca de informações sobre pautas e reportagens. No caso dos produtores, também são profissionais que desempenham papel fundamental, pois eles sugerem assuntos, buscam personagens, recebem materiais de co-produtores e participam da rotina produtiva do telejornal até o fechamento. O resultado apresentado até aqui é apenas parcial, portanto, algumas questões como o aumento de possibilidades de manipulação da imagem, conceitos de produção jornalística como veracidade, ética e objetividade, serão abordados em outras pesquisas.

Após definido o objeto de estudo (ESTV2), ponto de partida para início desta pesquisa, o próximo passo foi decidir qual o método mais adequado para atender o propósito desta pesquisa. No caso deste estudo, a questão a ser posta em análise é a da convergência das mídias e a digitalização na TV, a partir da sua experiência pelos profissionais do telejornalismo. Além de compreender as mudanças na rotina produtiva do telejornal, o trabalho ainda passa pela participação dos telespectadores na construção da narrativa do mesmo, por meio de produções que seriam enviadas via rede mundial de computadores e/ou dispositivos móveis.

Segundo Mauro Wolf (2010) há necessidade de se conhecer a lógica específica do funcionamento dos veículos e as consequências disso na cobertura. Sendo assim, as que envolvem as rotinas produtivas devem utilizar a técnica de observação participante.

Os dados são recolhidos pelo pesquisador, presente no ambiente que serve de objeto de estudo, seja com a observação sistemática do que ocorre nesse espaço, seja por meio de conversações mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas, conduzidas com os que desenvolvem os processos de produção (WOLF, 2010, p.191).

De acordo com Peruzzo (2003), na metodologia observação participante, o pesquisador participa de todas as atividades do grupo pesquisado, por meio da inserção no ambiente. Apesar de viver, com maior ou menos intensidade, a situação do objeto em questão, Peruzzo destaca que:

O investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é de observador. Exceto em situação extrema, em que o pesquisador, por opção metodológica, decide deixar-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e sentimentos do investigado (PERUZZO, 2003, p.10)

Para Terezinha Ladeira, alguns estudiosos consideram essa metodologia uma técnica “sistemática e consciente de compartilhar as atividades, os interesses e afetos de um grupo de pessoas, logo, o pesquisador é chamado de observador participante” (LADEIRA, 2007, p. 5). Essa metodologia de pesquisa teve início durante o trabalho de campo realizado por Bronislaw Malinowski nas ilhas Trobriand no início do século XX e tornou parte fundamental da investigação etnográfica desde então.

“Os pesquisadores perceberam rapidamente que muitas informações sobre a vida dos povos não podem ser quantificadas e precisavam ser interpretadas de forma muito mais ampla que circunscrita ao simples dado objetivo. Isto não significou, de começo, o abandono de posicionamentos teóricos funcionalistas e positivistas” (TRIVIÑOS, 1990, p.120 *Apud* PERUZZO, 2003, p.11)

Juntamente com a aplicação da técnica observação participante foram aplicadas entrevistas pré-estruturadas, outra ferramenta qualitativa que serviu para dar andamento e enriquecer o trabalho. De acordo com Manzini (2009), para realização desse tipo de entrevista, independente da abordagem teórica adotada, são necessários cuidados que envolvem questões da linguagem e o roteiro a ser utilizado necessita ser planejado cuidadosamente (MANZINI, 2003; 2004; 2006 *Apud* MANZINI 2009, p. 151).

Alguns estudiosos como Triviños e Manzini tentam definir as características principais de uma entrevista semi-estruturada:

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semi-estruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes. O foco principal seria colocado pelo investigador-entrevistador. Complementa o autor, afirmando que a entrevista semi-estruturada “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152). Para Manzini (1990/1991, p. 154), a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista. Para o autor, esse tipo de entrevista pode fazer emergir informações de forma mais livre e as respostas não estão condicionadas a uma padronização de alternativas (MANZINI, 2009, p.2)

Além das possibilidades oferecidas pelos métodos escolhidos para o desenvolvimento desta pesquisa, outros fatores contribuíram para que fosse utilizada a técnica da observação participante, entre elas a convivência diária do pesquisador dentro da redação multimídia, o que favoreceu a inserção de um observador dentro do ambiente onde o telejornal é produzido, acompanhando de perto e de forma sistemática o que ocorre dentro nesse espaço.

A autorização para que esta pesquisa fosse realizada dentro da redação onde o ESTV2 é produzido nos foi dada pelo diretor de jornalismo da Rede Gazeta, Abdo Chequer e pelo editor-chefe da TV Gazeta, André Junqueira. Recebemos autorização para acompanhar a rotina produtiva durante cinco edições do telejornal, compreendidas entre os dias 13 e 17 de abril de 2015. Tempo suficiente para fazermos os levantamentos necessários.

Travancas (2010) ao discutir sobre suas pesquisas realizadas em redações de jornais e telejornais brasileiros nas décadas de 1990 e 2000 e outra desenvolvida com receptores de televisão no início do século XXI reflete sobre a entrada no campo e a relação do pesquisador com seus “nativos” assim como os impasses surgidos ao longo do trabalho.

Isso significa que o pesquisador ao se engajar no estudo muitas vezes se coloca como "porta voz" do grupo investigado, deixando de lado o seu compromisso profissional e ético. Esquecendo também que, embora haja um enorme espaço para a subjetividade do cientista social neste tipo de pesquisa, é preciso cuidado para não tornar os dados coisas objetivas com vida própria independente dos atores sociais. Para Cardoso o perigo da intensificação da

participação do investigador na pesquisa, diga-se de passagem bastante justificada, é ela servir “menos como forma de aproximar para conhecer e mais como identificação de propósitos políticos entre pesquisador e pesquisado. Isto reduz a pesquisa à denúncia e transforma o pesquisador em porta-voz do grupo“. Tal atitude acaba por eliminar uma etapa importante da pesquisa antropológica que é o estranhamento como forma de compreensão do outro. Nós não somos como nossos nativos, estamos do outro lado e é exatamente por estarmos do outro lado que a nossa perspectiva tem possibilidades mais amplas. (TRAVANCAS, 2010, p.6)

Segundo Peruzzo (2003) na técnica observação participante não existe tempo ideal que possa ser pré-fixado para que o investigador permaneça dentro do ambiente pesquisado.

Depende do tipo de objeto, de quão rápido ou demoradamente ele se revela ao investigador, das condições em que os mecanismos internos do “objeto” se dão a conhecer ao pesquisador e da capacidade deste em captar suas manifestações explícitas e implícitas. Mas, é óbvio que o tempo não pode ser curto demais. Poderão ser meses, um ano ou mais. “O etnógrafo não pode ter pressa, ainda que a tenha. [...] Uma observação com ênfase etnográfica supõe que o observador esteja ali, onde busca o sentido, dia após dia, semana após semana, mês a mês. O que ocorre em uma ocasião pode não ser importante ou pode ser o centro” (GALINDO CÁCERES, 1998, p.353 Apud PERUZZO, 2003, p. 20).

Apresentados os parâmetros metodológicos que direcionaram a pesquisa de campo e permitiram ao autor narrar os processos de produção da notícia em um telejornal regional, em tempos de digitalização, passamos à descrição dos resultados. Para ir ao ar de segunda-feira a sábado, o trabalho diário da equipe que faz o ESTV2 é organizado da seguinte maneira: apuração e elaboração de pautas, reunião de pauta (para definir os assuntos do dia e do dia seguinte), divisão de pautas entre os repórteres, estruturação do espelho, edição das reportagens, edição do telejornal e apresentação das matérias. Diante desse processo, buscamos compreender de que maneira a convergência, a digitalização da TV e o espaço oferecido à participação do público, interfere diretamente no trabalho do jornalista.

Apesar de já haver uma pré-estruturação da rotina produtiva, tudo pode acontecer até que o telejornal seja levado ao ar, pois ao longo do dia os processos se entrelaçam. Uma entrevista que já estava anteriormente agendada pode ser descartada com a chegada de um assunto mais importante. Uma matéria já pronta para entrar no ar também pode ser substituída dependendo de alguns fatores externos.

Sobre a não linearidade dos processos produtivos, Siqueira (2012) cita que “se pensarmos que tudo pode mudar a qualquer momento, a ideia que vem à mente é de

caos, de instabilidade, de que algo inesperado pode ocorrer.” (SIQUEIRA, 2012, p.120).
Todavia, a autora acrescenta que em redações jornalísticas, o que se encontra, de fato, é um ambiente definido por rotinas. “As organizações jornalísticas necessitam impor ordem no espaço e no tempo porque os acontecimentos noticiáveis podem muito bem emergir a qualquer hora e em qualquer lugar” (TRAQUINA, 2005, p. 31, *apud* SIQUEIRA, 2012, p.120).

Além disso, a produção do telejornal em questão se depara com outros canais de comunicação, neste caso da própria Rede, que trabalham com tempos, espaços e narrativas diferentes. De acordo com Beatriz Becker (2008), “a convergência midiática tem influenciado as rotinas produtivas e o exercício do jornalismo, sobretudo o telejornalismo e as formas de publicação de diferentes conteúdos audiovisuais na internet”. (BECKER, 2008, p. 3).

No livro “A cultura da convergência”, Henry Jenkins afirma que a palavra “convergência” é capaz de definir não apenas as transformações tecnológicas, mas também mercadológicas culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que imaginam estar falando. “A convergência não ocorre por meio de aparelhos, por mais sofisticados que venham a ser. A convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, 2008, p.27). De acordo com Jenkins, as funções dos veículos tradicionais de comunicação estão sendo transformadas pelas novas tecnologias, não substituídas. Com base dos pressupostos metodológicos e nas questões de pesquisa potencializadas pelo diálogo com esses autores foi possível compreender a produção do ESTV 2^a. Edição.

i. Primeira reunião de pauta: o Telejornal começa a ser esboçado

Para que o ESTV2 vá ao ar de segunda-feira a sábado, às 19h15min, a primeira reunião de pauta acontece sempre a tarde, por volta das 15 horas. Conduzida pela editora responsável pelo telejornal, Teresa Abaurre; e a editora assistente, Cristina Dockhorn, a reunião conta ainda com a participação da chefe de reportagem, Juliana Avanza, e da chefe de pauta, Sayonara Bandão.

Apesar de a primeira reunião ter início apenas por volta do horário já informado, a rigor a produção do telejornal nunca para, funcionando como um ciclo sem fim. No primeiro dia de observação os assuntos que chegaram à sala de reuniões como sugestões para o telejornal eram, em sua maioria, produções para a edição do dia

seguinte, portanto, eram assuntos frios, que além de mais apuração, exigiam personagens. De acordo com a editora responsável pelo jornal, nessa reunião são checadas quais as pautas que estavam planejadas no dia anterior estão sendo feitas e quais deixaram de ser feitas, devido aos acontecimentos do dia, além de servir para estruturar um roteiro de assuntos que devem ser cobertos pela reportagem.

Neste sentido, além da tarefa de tentar cumprir com um relatório prévio, programado no dia anterior, com uma lista de sugestões de pautas e reportagens, sugeridas por todos e já apuradas pela produção, nestes encontros são discutidos os assuntos do dia que merecem destaque.

Ainda que algumas pautas já estivessem pré-programadas para serem executadas, dependendo da importância dos fatos que acontecem no dia, elas podem ser descartadas ou adiadas.

Há hoje na emissora uma integração entre as redações dos jornais A Gazeta, Notícia Agora, Rádio CBN, além da redação da TV Gazeta e dos portais G1 e GE (Globoesporte.com). Segundo a editora responsável pelo telejornal, a convergência entre essas mídias se dá de maneira mais efetiva desde a criação do cargo de Diretor de jornalismo da Rede Gazeta, ocupado por Abdo Checker.

Todas as manhãs são discutidos, entre as chefias de todos esses veículos, os assuntos de interesse jornalístico que estão sendo trabalhados por cada uma dessas mídias. Quando é necessário, ou relevante, essas pautas são compartilhadas entre eles.

O chefe de redação, Bruno Dalvi, explica que para TV essa integração das redações pode ser observada sobre dois aspectos, o primeiro é a integração da redação da TV com o G1, e a segunda é a integração com a redação da TV com a redação multimídia. Apesar dessa convergência, o modelo respeita as peculiaridades e regras de cada um dos veículos. O editor chefe de redação, salienta que a emissora é uma afiliada da Rede Globo e precisa seguir as regras e padrões de qualidade estabelecidos pela emissora.

Além disso, ainda há um grupo criado no Whats App (aplicativo de mensagens multiplataforma que permite troca de mensagens pelo celular utilizando apenas dados) integrando a TV Gazeta, o G1 e a redação multimídia. Nesse grupo estão inclusos, repórteres, produtores e editores. Do próprio local onde o fato se dá, o repórter faz os registros e encaminha para o grupo. Esse material é utilizado nas plataformas que trabalham com a instantaneidade e, em alguns casos, quando não há tempo da

reportagem ser fechada, utilizado no telejornal com as informações já apuradas pelo repórter na rua.

Sobre convergência Souza Filho (2014) observa que é um processo que está vinculado a transformação tecnológica em função da utilização do digital, condição com a presença da internet no ambiente comunicacional.

A convergência é um processo decorrente da rápida transformação dos meios de comunicação, com a integração deles em sistemas de informação (MICÓ, 2007). O aspecto mais importante desta transformação é que a convergência representa (LOPES; FARIÑA, 2010), como um novo modelo de organização e produção dos meios de comunicação (SOUZA FILHO, 2014, p.80)

Segundo relato de William Bonner no livro *Jonal Nacional – Modo de Fazer*, os produtores são importantíssimos para as duas as duas pernas sobre as quais se sustenta um telejornal. “A “perna” factual, dos assuntos do dia, urgentes, acontecidos depois da última edição exibida do telejornal, e a perna de “atualidade”, que compreende aqueles temas não urgentes, mas atuais, que têm acontecido”. (BONNER, 2009, p.47).

Na TV Gazeta, a equipe de produção trabalha em um ambiente que fica posicionado ao lado da sala das chefias de edição e de reportagem, separados apenas por uma parede de vidro. Esse espaço é situado dentro da mesma redação onde estão os repórteres do ESTV2, além de jornalistas de outros programas da TV e dos portais G1 e GE. O mesmo núcleo de produção, composto por uma chefe de pauta, três produtores e um apurador, é o responsável pela elaboração de pautas para outros telejornais da rede como o ESTV 1ª Edição e também algumas para o Bom Dia Espírito Santo.

Segundo a chefe de pauta do telejornal, Sayonara Brandão, na elaboração das pautas do ESTV2, as ferramentas mais utilizadas no dia a dia são o telefone e os e-mails, além das redes sociais, quando se trata de personagens. Além desses canais de comunicação, os produtores mantêm uma agenda com assuntos relevantes, com temas de interesse nacional, regional ou até mesmo local.

As ofertas de pautas normalmente vêm de discussões de assuntos entre a equipe do telejornal, de temas levantados durante as reuniões que ocorrem todas as manhãs entre os editores da redação multimídia e da TV, além de sugestões dos telespectadores.

Atualmente nos telejornais da rede há uma provocação para que os telespectadores participem da programação com conteúdos diversos. De acordo com Sayonara Brandão, o número de e-mails que são recebidos diariamente é alto, chega a ultrapassar o número de 200 diariamente. No entanto, nem todos eles geram algum tipo de reportagem. Todavia, entre o telefone e o e-mail, há mais eficiência no material que chega via rede mundial de computadores, pois, segundo a chefe de pauta, as fotos, imagens/áudio, encaminhados pelos telespectadores são capazes de retratar de maneira mais eficiente a realidade vivenciada pelo cidadão.

O produtor funciona como um primeiro filtro que recebe a informação, checa e só depois de analisar os fatos leva aos editores o relatório com as pautas para avaliação e aprovadas. Há ainda na redação a figura de um apurador, que além dar apoio ao repórter que está na rua realizando a reportagem, faz a ronda, que é uma sucessão de telefonemas para diversos departamentos públicos e para pauteiros de outros veículos da Rede Gazeta, como o do Gazeta Online, por exemplo. Existem hoje dois apuradores na TV, um que chega de manhã e dá apoio ao Bom Dia Espírito Santo e ao ESTV1 e outro que chega a tarde e fica por conta da apuração para o ESTV2.

Outra ferramenta de integração disponível para todos os produtores, repórteres, editores e chefes da rede é um sistema de e-mail que alerta a todos aqueles que fazem parte da rotina produtiva, sobre fatos importantes e/ou interessante. Os e-mails podem ser enviados por qualquer jornalista que tenha acesso a algum tipo de informação relevante antes de outro. O sistema denominado “Siga”³ dispara o alerta para todos os funcionários que utilizam o e-mail da empresa, seja ele dos jornais impressos, do online, da rádio ou da TV.

O Siga é classificado pelo chefe de redação como o “berço da notícia factual”. E para esse e-mail que são encaminhadas informações que estão sendo apuradas por algum jornalista da rede, denúncias que partem do público, ou alertas de coletivas de imprensa, por exemplo. Após a reunião de pauta, a equipe de produção começa a desenvolver as pautas para o jornal do dia seguinte, levantando personagens, agendando entrevistas e locais para as gravações.

ii. – Definição e distribuição das pautas

³ O sistema utilizado na redação tem o mesmo nome/ sigla daquele utilizado em instituições de ensino, como UFRN e UFJF para gestão acadêmica e administrativa.

Após aprovadas na reunião, as pautas seguem em uma lista, a cada uma delas é atribuído um título, denominado retranca, no jargão dos jornalistas. Normalmente esse título é curto, com duas ou três palavras. Para exemplificar, podemos citar um acidente que envolveu uma idosa de 80 anos que morreu após ser atropelada na calçada por um veículo que teria supostamente atravessado o semáforo vermelho, no centro de Vila Velha, no início de março deste ano, este fato poderia receber na retranca apenas o nome de “Atropelamento/Idosa/VilaVelha”. Essas retranscas são determinadas no ESTV2 no momento em que a pauta é aprovada e seguem com o mesmo nome até o jornal ir ao ar.

Retranca estabelecida e pautas produzidas é hora de se fazer a distribuição das mesmas. As pautas do ESTV2 começam a ser distribuídas entre os repórteres a partir das 13 horas, quando a chefe de reportagem passa para cada um deles o assunto que será trabalhado naquele dia. Ou seja, os assuntos que serão discutidos na reunião um pouco mais tarde, normalmente não entram na ordem do dia.

Quando chega na redação a chefe de reportagem verifica o que está acontecendo de factual, checa as pautas que haviam sido aprovadas e agendadas e distribui as tarefas entre os repórteres de acordo com a importância dos fatos. Em alguns casos, o repórter sai para realizar uma reportagem, mas surge nesse intervalo um factual capaz de derrubar ou adiar a pauta que seria desenvolvida. Algumas vezes as mudanças podem fazer com que alguns assuntos sejam redistribuídos ou até mesmo retirados da programação do telejornal.

De acordo com a editora responsável pelo jornal, nas coberturas factuais a colaboração entre os veículos é mais efetiva, pois diversos repórteres de várias plataformas que compõem a rede estão ao mesmo tempo apurando as diversas versões e angulações de um mesmo acontecimento.

Em entrevista, a chefe de reportagem Juliana Avanza explica que quando há necessidade o repórter é deslocado para outra pauta, mesmo que esteja com outra em andamento. Em alguns casos, quando o repórter já terminou de fazer as entrevistas, ele fecha o texto com a chefe de reportagem e grava enquanto ainda está na rua.

Sobre os impactos da TV Digital no dia a dia da redação, a chefe de reportagem explica que a única mudança sentida por todos foi a qualidade técnica das imagens, que são transmitidas, em sua maioria, em alta resolução, e nos equipamentos para capturar essas imagens.

iii. – Do espelho a edição no ar

A lista dos assuntos que devem ir ao ar está descrita no espelho do telejornal. Segundo Rezende o espelho do telejornal é apresentado de forma concisa, distribuído a todos os profissionais participantes da operação do programa, e sintetiza a organização do telejornal em blocos, a ordem das matérias em cada bloco, bem como dos intervalos comerciais, das chamadas e do encerramento (REZENDE, 2000, p. 146 *apud* SIQUEIRA, 2012, p.126).

No livro *Jornal Nacional – Modo de Fazer*, William Bonner defende que o espelho tem esse nome, pois “reflete” uma filosofia editorial, um plano de vôo, uma intenção (William Bonner, 2009, p.82)⁴. E complementa dizendo que, “Espelho é o nome da lista de todos os assuntos aprovados para exibição, batizados com suas respectivas retrancas, com uma estimativa de tempo que será destinado a eles, na ordenação que o editor-chefe julgou mais apropriada” (BONNER, 2009, p.82).

A montagem do espelho começa a ser feita após a definição dos assuntos que serão abordados no telejornal, no entanto, pode haver alterações durante todo o dia ou até mesmo próximo ao fechamento do telejornal. As reportagens são relacionadas com uma previsão de tempo e por ordem de exibição, essas definições são feitas pela editora responsável pelo telejornal, porém, não são definitivas e podem ser modificadas.

Além do espelho do ESTV2 exibido na região metropolitana, a editora responsável pelo telejornal tem acesso ao que as outras regionais pretendem levar ao ar. Quando o assunto é relevante, a reportagem também é inserida na lista dos fatos que serão levados ao ar na Capital.

Linha editorial do telejornal como valor-notícia

Durante a observação participante, foi possível perceber que apesar dos assuntos serem discutidos entre todos os participantes da reunião de pauta, a palavra final sobre o que entraria no espelho do telejornal e o que deixaria de entrar, era da editora responsável pelo ESTV. Nas reuniões eram discutidas, além de detalhes sobre como se daria a narrativa da reportagem e os personagens que fariam parte dela, a relevância do assunto para sociedade. Neste momento, não havia a preocupação com a

⁴ Nesse sentido podemos inferir que o editor chefe do telejornal mais longo do país busca associar a produção do JN ao que preconiza a teoria do espelho, abordagem vista como excessivamente simplista pelos estudiosos do Jornalismo, como Alfredo Vizeu, entre outros.

qualidade da imagem ou até mesmo se essas eram capturadas por telespectadores ou repórteres de outros veículos de comunicação da rede.

Devido ao telejornal ser exibido em alta definição para toda Grande Vitória, a qualidade técnica da imagem também passa a integrar os critérios de noticiabilidade adotados para que determinado fato seja ou não levado ao ar.

Com a chegada da TV Digital, a empresa se preocupa em adotar, na maioria das vezes, imagens que sejam de excelente qualidade. Mas, nos casos em que há participação de telespectadores que contribuem com conteúdos relevantes, por exemplo, essa exigência não é levada a rigor. Apesar de que, hoje os celulares e outros dispositivos móveis são capazes de capturar imagens/áudio em alta definição.

Em alguns casos, os próprios repórteres da rede fazem imagens, a partir de seus *smarthphones*, e encaminham para a redação para que sejam tratados e levados ao ar. A editora responsável pelo telejornal, também partilha do princípio de que com a TV Digital deve-se prezar pela qualidade das imagens, no entanto, ela destaca que em alguns momentos imagens de baixa qualidade técnica também foram utilizadas dentro do telejornal, por passarem informações úteis e precisas sobre acontecimentos que se deram enquanto o ESTV2 estava no ar.

Critérios para tratar jornalisticamente a produção do público

As transformações impostas pelas novas tecnologias como a TV Digital e a convergência das mídias, influenciam no modo de produção da notícia e impactam no trabalho do jornalista. Segundo Souza Filho (2014):

As dimensões da convergência têm gerado aspectos que estão relacionadas entre si, da forma observada, anteriormente, em relação à organização e a produção dos meios de comunicação. A convergência tecnológica permitiu o uso do sistema multiplataforma, baseado na vinculação entre os diversos meios de uma organização. A dimensão empresarial é a referência para o processo de concentração, com grupos com atuação em diversos segmentos da área de comunicação. A dimensão profissional influencia a atuação das diversas categorias de trabalhadores, em particular a dos jornalistas, caracterizada pela polivalência (SCOLARI et al, 2008) e um processo de sentido duplo: a extinção e o surgimento de novas tarefas, como a necessidade de um profissional para controlar o funcionamento do sistema digital (SOUZA FILHO, 2014, p.85)

Quanto aos procedimentos de tratamento e edição das imagens com as mudanças para o sistema digital, a editora assistente do ESTV2, Cristina Dockhorn, ressalta a utilização do sistema digital de edição, além de ter trazido mais facilidade

para tratar as imagens e permitir que sejam feitos cortes estratégicos em determinados pontos do material, a digitalização garante a agilidade na finalização da reportagem.

Atualmente, as imagens que são recebidas dos telespectadores, por exemplo, recebem o tratamento nas ilhas de edição de maneira muito mais rápida. Estes materiais são utilizados de diversas maneiras possíveis, desde nota coberta à complemento de uma reportagem.

O tratamento a ser dado a cada imagem vai depender relevância deste material dentro do telejornal. A editora assistente do ESTV destaca que em casos de flagrantes, quando não há possibilidade destas imagens serem refeitas, o vídeo enviado pelo telespectador é utilizado para ajudar o repórter a narrar o fato.

Em alguns casos, quando há campanhas especiais, como de fim de ano ou páscoa, por exemplo, as imagens encaminhadas via internet e/ou dispositivos móveis, são solicitadas pelo apresentador e no final ou durante o programa são exibidas em um formato de clipe ou até mesmo nos fechamentos de blocos. O que vai determinar a maneira como esse conteúdo será apresentado ao público é a função que se pretende atingir, segundo os profissionais de edição entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho conseguimos avançar nos objetivos traçados inicialmente. Apesar das discussões em torno da implantação da TV Digital terem começado há mais de 20 anos, muitas mudanças ainda estão por vir. Neste momento de migração para o digital, a TV é apenas parte do quebra-cabeça. Como esse trabalho é apenas parte da pesquisa, questões como: O valor-notícia atribuído ao material produzido por um leigo, veracidade, ética e objetividade serão tratados posteriormente em outros trabalhos.

A chegada da TV digital no Brasil coincidiu com o processo de convergência das mídias e com o avanço de diversas plataformas tecnológicas que permitem a interação entre emissores e receptores, o que acabou provocando no público mais complexidade no entendimento da lógica de distribuição de conteúdo audiovisual.

Com a convergência, os computadores e dispositivos móveis conectados a internet são instrumentos imprescindíveis no que tange a interatividade entre usuários (que também passam a atuar de alguma forma como emissores) e as redações dos telejornais.

Ao analisar o objeto empírico foi possível identificar que dentro da redação dos telejornais ocorreram diversas mudanças, muitas provocadas pela convergência das mídias outras pelo processo de mudança para transmissão digital, principalmente no que concerne a lógica de produção da notícia. As mudanças são percebidas desde a recepção das primeiras informações, que agora chegam por diversos canais de interação, até o fechamento dos telejornais.

Este ambiente que os jornalistas vão encontrar dentro das redações requer do profissional habilidade para lidar com as diversas mídias, sejam elas tradicionais ou contemporâneas, como a internet e suas possibilidades.

O fluxo de conteúdo que chega todos os dias nas redações não permite que toda a demanda seja atendida, em alguns casos específicos os registros feitos pelos telespectadores ganham espaço apenas como notas cobertas, juntamente com outros materiais similares e, em alguns casos são geradas reportagens, onde a narrativa também explora a figura de quem enviou o conteúdo e, muitas vezes utiliza seu material, inédito ou não, no fechamento do VT.

REFERÊNCIAS

BECKER, Beatriz; TEIXEIRA, Juliana. **O Telejornalismo na Era Digital**. UMESP (Universidade Metodista de São Paulo. (SP) 2008. Anais da SBPJOR – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. São Paulo: Globo, 2009.

COUTINHO, Iluska. **Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento**. In VIZEU, Alfredo (org). **A sociedade do telejornalismo**. RJ Vozes, 2008. p. 91-105.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2008.

LADEIRA, Wânia Terezinha. **Teoria e Métodos de Pesquisa Qualitativa em Sociolinguística Interacional**. In. Revista de Ciências Humanas, 2007.

MANZINI, José Eduardo. **Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros**. In. Seminário Internacional Sobre Pesquisa e Estudos Qualitativos. Bauru, São Paulo (SP), 2009.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. **Da observação participante à pesquisa-ação em comunicação: pressupostos epistemológicos e metodológicos**. Belo Horizonte (MG) 2003.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso. **O efeito de participação do real representado e o surgimento de um novo valor-notícia:** o flagrante único de coprodução no telejornalismo. Tese de Doutorado em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2012.

SOUZA FILHO, Washington José de. **O desafio da convergência profissional: a mudança do perfil do jornalista na edição da notícia na TV Digital.** In. Leituras do Jornalismo, 2014.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do Jornalismo. Porque as notícias são como são.** Florianópolis (SC): Editora Insular, 2005.

TRAVANCAS, Isabel Siqueira. **A Experiência etnográfica no Campo da Comunicação.** Disponível em: <http://www.symballein.com.br/images/pdfs/experiencia-etnografica-no-campo-da-comunicacao.pdf>

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa.** Trad. Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

Sites e digitalizados

DALVI, Bruno. Entrevista concedida a Diony Silva. Vitória, 2015 (audio)

AVANZA, Juliana. Entrevista concedida a Diony Silva. Vitória, 2015 (audio)

BRANDÃO, Sayonara. Entrevista concedida a Diony Silva. Vitória, 2015 (audio)

ABAURRE, Teresa. Entrevista concedida a Diony Silva. Vitória, 2015 (audio)

<http://gazetaonline.globo.com/index.php?id=/redegazeta/midias/index.php> (consultado em: abril de 2018)